

ELE SERIA HOJE CRUCIFICADO DO MESMO JEITO

“O arcebispo de Diamantina Dom Geraldo Sigaud, que acusou de comunistas os bispos de Goiás Velho e de São Félix de Araguaia, Dom Tomás Balduino e Dom Pedro Casaldáliga, disse ontem que não altera uma vírgula de suas declarações, mostrando-se “ansioso” para provar à CNBB, com base em documentos “estranhos” em seu poder, que seus avisos têm fundamento. Dom Sigaud acha que “a omissão da CNBB é um enigma e que o próprio Governo devia interferir no assunto, expulsando do país os religiosos comunistas, principalmente os que acaba de acusar. Isso poderia ser feito de maneira indireta, através de um pedido à Santa Sé para que esta, espontaneamente, chamasse os bispos”.

Continua a acusação: “Tenho em meu poder documentos irrefutáveis, duros, pesados, que calarão as poucas vozes que ainda não entenderam o perigo que Dom Pedro Casaldáliga e Dom Tomás Balduino representam. Estes dois bispos estão solapando as bases da Igreja. Mas, uma vez que o problema seja apresentado, todos tomaremos partido dentro das tradições da Igreja e saberemos expurgar os corpos estranhos que procuram infeccionar o organismo religioso”. Explicou Dom Sigaud que a Igreja não permitirá que sua orientação básica milenar seja adulterada e que a totalidade dos bispos e dos padres “são verdadeiramente contrários à ação comunista dos bispos de São Félix do Araguaia e de Goiás Velho” (JB 28-2-77). Tais fatos não são novos na vida da Igreja e já aconteciam nas primeiras comunidades, fundadas pelos apóstolos: na cidade de Antioquia, os conservadores ferrenhos da Tradição judaica reviram com insultos ao anúncio evangélico de Paulo e Barnabé. Quando os insultos não bastaram, os acusadores partiram para outro recurso: incitaram o povo rico e importante do lugar, para organizar a perseguição. Desta vez, os

dois apóstolos ainda tiveram sorte, porque foram apenas expulsos para longe, não sem antes sacudir dos pés a poeira, para tornar mais cega a cegueira dos fanáticos.

Entrar pelos meandros e subterrâneos da ambigüidade das atitudes humanas é uma rica reflexão, que nos leva até ao carnaval da vida, onde de frente estamos ricamente fantasiados, mas por trás estamos de bumbum de fora. O ato de acusar participa intensamente na ambigüidade das coisas. Nossos acusados são os “ruins”, os “piores” da sociedade. Faz parte, no ato de acusar, o castigo do criminoso: seu afastamento da convivência e sua destruição como ser humano ao nosso lado. Desta forma, uma sociedade se livra do incômodo dos “crimes”, sem precisar reconhecer dolorosamente sua culpa na fabricação sistemática de marginalizados. Doeu a cabeça, corte-se a cabeça.

A ambigüidade do ato de acusar está em que os mais inocentes são também os acusados. A história está cheia de exemplos. Os gregos, cuja história e histórias expressam muitas vezes o inconsciente coletivo, relatam a figura de um popular condenando o legislador Aristides, só porque estava cansado de ouvir que o homem era bom. No Império Romano e parece que em todas as épocas, a postura indefesa dos mártires, em vez de comover, atiçava a fúria sádica dos executores: é preciso acabar com os que não se buscam a si mesmos, pois sua existência é uma agressão. E a gente não deixa facilmente que continue ao nosso lado aquele cuja pureza de intenções é a condenação permanente do nosso egoísmo.

É incrível como, nessas acusações à Igreja que se preocupa com a justiça no mundo, não se consiga chegar imediatamente à vida de Cristo, para dirimir todas as dúvidas. Está tudo lá, numa clareza meridiana: Ele foi acusado por ser inocente, ele foi acusado por

que incomodou, ele foi acusado porque sua mensagem contestava as estruturas injustas em que se constrói a convivência humana, ele foi acusado de subverter o povo e até de subverter a religião verdadeira. É preciso então destruir aquele que deixa a descoberto o espinho de nossa consciência; é preciso acabar com aquele que vive a proposta de uma vida que não fui capaz de viver e por isso capitulei pelo caminho.

Estas características nas acusações, na perseguição, na prisão, no processo e na morte de Cristo estão todas explicitamente mencionadas no evangelho. E o trágico é que a gente não descubra logo as coincidências imediatas com o caso de Cristo em todas as perseguições e acusações a todos os profetas da justiça, através da história. Tem mais coincidências: numa trágica prova de como é perigoso o fanatismo bem-intencionado, foram os chefes dos sacerdotes que dispararam o dispositivo repressor para destruir Jesus, fazendo o jogo daqueles que, em vez de defenderem os cordeiros, alimentam o leão. Dessa forma, quando porta-vozes da consciência social são esmagados, não está acontecendo uma tragédia original, mas apenas a história está se repetindo de maneira coerente.

Quanto ao caso específico do nosso artigo, assim se pronunciou nosso bispo diocesano Dom Adriano Hypolito, no Jornal do Brasil: “D. Sigaud nunca poderá provar que D. Pedro e D. Tomás são comunistas, porque não existem tais provas. O que existe é a veemência de dois profetas da Igreja que, diante de terríveis profanações da dignidade dos filhos de Deus, têm de levantar a voz para dizer aos poderosos do momento: “Isto não te é permitido”. D. Sigaud conhece a Sagrada Escritura, conhece o Novo Testamento. Deveria assim interpretar (na visão de uma Igreja que, por sua própria essência, tem de ser profética, por isso desagrada) o comportamento perfeitamente evangélico dos nossos dois irmãos no episcopado”. E termina Dom Adriano com uma verdade que muita gente boa devia levar mais a sério: “Todos sabemos que o adversário do marxismo não é o capitalismo e sim o Cristianismo”.

CATABIS & CATACRESES

TODO TRABALHO É DIGNO? AH!

1. A notável e para todo o mundo gostosa catacrese está em que no dia do Trabalho ninguém trabalha. Ninguém? Brasilino meteu-se no barraco e decidiu fazer os concertos que só pode fazer aos domingos e feriados. É que brasilino é um homem da realidade. Sendo assim, brasilino trabalha no Dia do Trabalho.

2. Joaquim 1 é operário de destino, quer dizer: é operário porque não tem outro jeito. Joaquim 2 é operário de raiva, quer dizer: fica operário pra ver se

consegue mudar alguma coisa. Joaquim 3 é operário de convicção, quer dizer: ama a sua vida e deste amor tira o sustento e a força para lutar por melhores condições de vida. Onde o certo?

3. Todo trabalho é digno, certo. Mas por que é que todo o pessoal que faz ginásio dá tudo pra ser doutor? Só sonha em ser doutor de canudo na mão?

4. De canudo só? Não, mais o anelão vistoso no dedo. E depois de doutor, por que é que todo doutor sonha com a

grande cidade, evitando a cidadezinha pequena do interior, onde a luta é muita e o ganho pouco?

5. Brasilino sabe que tem exceções. Aí está o doutor Carlos que se meteu em Palmares desde que se fez doutor de gente. Palmares, lugar pequeno de gente pobre e humilde. Foi aí que o doutor Carlos se fez, curando gente e curando bicho. Servindo. Estimado e amado. Felizmente há gente que pensa assim e ama o Brasil. Nem tudo está perdido.

4º DOMINGO DA PÁSCOA (01-05-1977)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote.
Cantos — Missa de PÁSCOA, Míria Kolling, Ed. Paulinas.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA



1. Jesus Cristo, nossa Páscoa,
/ ressuscitou e hoje vive. / Ce-
lebremos pois a sua festa / na
alegria da fraternidade.

Jesus Cristo está vivo entre nós, ale-
luia, aleluia.

2. Ele é nossa esperança / com sua
morte deu-nos vida / e hoje vai cono-
co lado a lado / dando sentido ao nosso
caminhar.

3. Também nós ressuscitamos / para
uma vida de amor. / É preciso que o
mundo veja em nós cristãos a Páscoa
do Senhor.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do
Espírito Santo. P. Amém.

S. Irmãos, o Senhor fortaleça os cora-
ções de vocês numa santidade irrepren-
sível diante de Deus nosso Pai, por
ocasião da vinda de nosso Senhor Jesus
Cristo, com todos os seus santos.

P. Bendito seja Deus que nos reuniu
no amor de Cristo.

3 SENTIDO DA MISSA

C. Em vez de empolgação fácil com
a Vitória pascal, as leituras falam de
perseguições. Perseguição e incompreen-
sões sempre acompanharam a Igreja,
quando ela está acordada, pois não é
possível nem lógico que os poderes
deste mundo, plantados quase sempre na
usurpação e na exploração, fiquem in-
diferentes aos desafios dos profetas do
evangelho. Na grande cidade de Antio-
quia, já nas primeiras comunidades da
Igreja, a gente bem e os principais do
lugar arremetem contra os discípulos e
os expulsam como perturbadores da "or-
dem estabelecida por Deus". Naquele
tempo como hoje, é a mesma coisa: o
evangelho, ensinado em sua pureza, é
tido por subversão da ordem; bispos e
líderes da igreja são acusados publi-
camente nos jornais de serem inimigos
da religião verdadeira, porque ensinam
que Deus não quer ser agradado com sa-
crifícios rituais, mas com a justa fra-
ternidade na convivência das pessoas. E
justiça será sempre a palavra mais
agressiva para aqueles que acumularam
riqueza e poder, uma vez que os cami-
nhos da riqueza e do poder não costumam
demorar muito nas terras da justi-
ça. Mas para os perseguidos, para os
profetas da justiça do Reino e para
o povo de Deus são os consolos da se-
gunda e terceira leituras: Ninguém
arrebatará das mãos de Deus as ovelhas
de Deus: nem a perseguição nem o so-
frimento nem a morte, pois o Pai do
céu é maior do que tudo isso aí. Pas-
sada a grande tribulação e passados do
mesmo jeito os atribuladores do povo de
Deus, o Cordeiro mesmo enxugará as lá-
grimas dos que sofreram a perseguição
e saciará aqueles que sofreram a sede
e a fome da justiça. É esta esperança
pascal que a missa de hoje quer robu-
tecer no ânimo dos discípulos.

4 ATO PENITENCIAL

S. (*Exortação ao arrependimento, de
acordo com o sentido da missa. Pausa
para revisão de vida*). — Senhor, que
nos chamastes a participar neste sacri-
fício da reconciliação, tende piedade de
nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Cristo, que nos chamastes a parti-
cipar na vossa comunidade de amor,
tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós.

S. Senhor, que nos chamastes a partici-
par no vosso plano de amor, tende pie-
dade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão
de nós, perdoe os nossos pecados e nos
conduza à vida eterna. P. Amém.

5 GLÓRIA

S. Glória a Deus nas alturas

P. e paz na terra aos homens por ele
amados. / Senhor Deus, Rei dos céus,
Deus Pai todo-poderoso: / nós vos lou-
vamos / nós vos bendizemos / nós vos
adoramos / nós vos glorificamos / nós
vos damos graças por vossa imensa gló-
ria. / Senhor Jesus Cristo, Filho uni-
gênito, / Senhor Deus, Cordeiro de Deus,
Filho de Deus Pai. / Vós que tirais o
pecado do mundo / tende piedade de nós.
/ Vós que tirais o pecado do mundo /
acolhei a nossa súplica. / Vós que estais
à direita do Pai / tende piedade de nós.
/ Só vós sois o Santo / só vós o Se-
nhor / só vós o Altíssimo, Jesus Cristo,
/ com o Espírito Santo, na glória de
Deus Pai. Amém.

6 COLETA

S. Deus eterno e todo-poderoso, conduzi
o vosso povo na direção das alegrias
pessoais para que o rebanho, apesar de
sua fraqueza, possa atingir a fortaleza
do Pastor, nosso Senhor Jesus Cristo,
vosso Filho, na unidade do Espírito
Santo. P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA



A primeira leitura é tirada dos
Atos dos Apóstolos, cap. 13,
versos 14 e 43 a 52. O povo
simples bebia com avidez a pregação
dos apóstolos, porque o Evangelho vi-
nha de encontro às suas necessidades;
mas a chamada gente bem daquele tempo
reagiu como reage muita gente bem de
hoje.

L. «Partindo de Perge, os discípu-
los chegaram a Antioquia na Pisí-
dia. No sábado, entraram na sina-
goga e se sentaram. Terminada a
reunião, muitos judeus e gente que
teme a Deus seguiram Paulo e
Barnabé, os quais conversaram
com eles e os convidaram a não
perder esta graça de Deus. No sá-
bado seguinte, reuniu-se quase to-
da a cidade para escutar a palavra
de Deus. Ao ver tanta gente, os
judeus se encheram de inveja e

puseram-se a contradizer com in-
sultos o que Paulo dizia. Então
Paulo e Barnabé falaram com fir-
meza: «Vocês eram os primeiros
a quem devíamos anunciar a men-
sagem de Deus. Mas recusando ago-
ra, vocês se condenam a não re-
ceber a vida eterna e nós nos diri-
gimos aos que não são judeus, já
que assim ordenou o Senhor: «Te-
pus como luz das nações, para que
leves a salvação até os extremos
do mundo». Ao ouvirem isso, os
que não eram judeus se alegraram,
começaram a louvar a mensagem
do Senhor; e aceitaram a fé todos
aqueles que estavam dispostos para
a vida eterna. Enquanto isso, a
palavra de Deus se difundia por
toda a região. Então os judeus in-
citaram mulheres distintas dentre
as que temiam a Deus e também
homens importantes da cidade; or-
ganizaram uma perseguição contra
Paulo e Barnabé e conseguiram que
eles deixassem o seu território. Os
dois sacudiram o pó dos calçados
como protesto contra eles e se fo-
ram para a cidade de Icônio, dei-
xando os discípulos cheios do gozo
do Espírito Santo». — Palavra do
Senhor. P. Graças a Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

P. Somos todos o povo do Senhor / o
rebanho que o Bom Pastor conduz.

1. Aclamai o Senhor, ó terra inteira! /
Servi ao Senhor com alegria! / Ide a
ele cantando jubilosos / e sabeis que Ele,
o Senhor, é Deus.

2. Foi ele quem nos fez e somos seus /
nós somos o seu povo e seu rebanho. /
O Senhor é bom, eterno é seu amor /
ele é fiel para sempre.


9 SEGUNDA LEITURA

C. A segunda leitura é tirada do Apo-
calipse de São João, cap. 7, versos 9 e
14b a 17. Passado o grande sofrimento,
passada a grande perseguição, passados
todas as tribulações, o povo de Deus não
terá mais fome nem sede nem sofrimento
algum, porque o próprio Cordeiro de
Deus enxugará as suas lágrimas.

L. «Depois disso, eu, João, vi uma
multidão enorme, impossível de con-
tar, de toda nação, raça, povo e
língua, que estava de pé diante do
trono e do Cordeiro. Todos estavam
vestidos de branco e levavam pal-
mas em suas mãos. Um dos an-
ciãos me disse: «Estes são os que
chegam da grande perseguição: la-
varam e embranqueceram suas ves-
tes no sangue do Cordeiro. Por isso
estão ante o trono de Deus e lhe
servem dia e noite em seu templo.
O que está sentado no trono es-
tenderá sua tenda sobre eles. Nun-
ca mais sofrerão nem fome nem

sede nem serão maltratados nem pelo sol nem pelo calor. Porque o Cordeiro, que está junto ao trono, será o seu Pastor e os conduzirá às fontes das águas da vida e Deus enxugará as suas lágrimas». — Palavra do Senhor. **P. Graças a Deus.**

10 ACLAMAÇÃO

 **Eis o dia do Senhor, aleluia, aleluia, aleluia.**

1. O Cristo ressuscitou / da morte nos libertou.
2. Nas trevas brilhou a luz / o Cristo que ao Pai conduz.
3. Salvou-nos o seu amor / cantemos-lhe pois louvor.


11 TERCEIRA LEITURA

C. A terceira leitura é tirada do evangelho de João, cap. 10, versos 27 a 30. Nada poderá arrebatá-lo do Filho de Deus das mãos de Deus, pois o Pai é maior do que tudo e todos e é mais forte do que a própria morte.


S. O Senhor esteja convosco.
P. Ele está no meio de nós.
S. Evangelho de Jesus Cristo segundo João. **P. Glória a vós, Senhor.**

S. «Jesus falou assim: «Minhas ovelhas conhecem minha voz e eu as conheço. Elas me seguem e eu lhes dou a vida eterna. Elas nunca morrerão e ninguém as pode arrebatá-las de minhas mãos, porque o Pai que as deu a mim é maior do que todos. Eu e o Pai somos um mesmo». — Palavra da salvação.
P. Louvor a Vós, ó Cristo.

12 PREGAÇÃO

 (Depois da pregação, convém fazer-se uma reflexão silenciosa sobre a Palavra de Deus e sua repercussão em nossa vida).

13 PROFISSÃO DE FÉ

 S. Creio em Deus Pai todo-poderoso

P. criador do céu e da terra / e em Jesus Cristo, seu único filho, nosso Senhor / que foi concebido pelo poder do Espírito Santo / nasceu da Virgem Maria / padeceu sob Pôncio Pilatos / foi crucificado, morto e sepultado / desceu à mansão dos mortos / ressuscitou ao terceiro dia / subiu aos céus / está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso / donde há de vir julgar os vivos e os mortos. / Creio no Espírito Santo / na santa Igreja Católica / na comunhão dos santos / na remissão dos pecados / na ressurreição da carne / na vida eterna. Amém.

14 ORAÇÃO DOS FIEIS

S. Meus irmãos, sabemos que Páscoa significa sofrimento, perseguição e morte: mas significa sobretudo vitória sobre as forças deste mundo e sobre a força maior, que é a morte. Eleve-mos ao Pai as necessidades da nossa Igreja no Brasil, para que ela se atenha firme na defesa da justiça e dos pequenos, na certeza que é sobre a vivência evangélica, assim entendida, que recairá a força definitiva da ressurreição:

C. 1. Para que o exemplo dos nossos pastores, que se arriscam e proclamam o

evangelho de maneira radical, desperte os pastores e os cristãos que estão dormindo ou compactuando com os poderes deste mundo, rezemos ao Senhor.

2. Para que, vivendo a justiça e a amizade em nossas comunidades cristãs, minemos este mundo, em todos os lugares onde praticamos o evangelho, com a força explosiva e transformadora do amor, rezemos ao Senhor.

3. Para que a certeza da vitória final na Páscoa de Cristo nos motive a vencer o egoísmo e a usar nossas qualidades, não apenas para nos garantir, mas sobretudo para instaurar em nosso ambiente o Reino do amor de Deus, rezemos ao Senhor.


4. Pelos nossos agentes de pastoral, para que eles sintam com clareza cada vez maior que estão dedicando a sua vida à única causa que vale realmente a pena, que é a construção do Reino de Deus, rezemos ao Senhor.

5. Pelas intenções particulares desta santa missa..., rezemos ao Senhor.

S. Senhor nosso Deus, vós conheceis melhor do que nós as necessidades da vossa Igreja, que se esforça e busca conhecer a vossa vontade, no meio dos sinais dos tempos que estamos vivendo. Dai às nossas comunidades e aos seus líderes a clareza interior e a força de prosseguirem no trabalho de conscientização da dignidade humana, que é a base para lutarmos pelos nossos direitos. Por nosso Senhor Jesus Cristo vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.
P. Amém.


LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DO OFERTÓRIO

 Cristo é o dom do Pai / que se entregou por nós. / Aleluia, aleluia, bendito seja o nosso Deus.

1. Dai graças a Deus, pois ele é bom / eterno por nós é seu amor.
2. Coragem e força ele nos dá / fazendo-se nosso Salvador.
3. Eu não morrerei mas viverei / e assim louvarei o meu Senhor.

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS


 S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Oremos: Concedei, ó Deus, que sempre nos alegremos por estes mistérios pascais, para que eles nos renovem constantemente e sejam a fonte de nossa permanente alegria. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. **P. Amém.**

17 PREFÁCIO (próprio)


18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

 (A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração:)

S. Eis o mistério da fé.

P. Salvador do mundo, salvai-nos, / vós que nos libertastes pela cruz e ressurreição.

19 CANTO DA COMUNHÃO

 1. Celebremos nossa páscoa / com alegria no Senhor / caminhemos na verdade / buscando sempre o amor.

Cremos em ti e te aceitamos, ó Cristo vivo, / e o teu amor ao mundo levaremos / aleluia, aleluia.


2. Cristo vem nos dar sua vida / vem conosco caminhar / encontramos nele a força / pra seu amor testemunhar.

3. O Senhor ressuscitado / nossa vida assumiu / e nos alcançou vitória / porque da morte nos salvou.

4. Quem de Cristo se alimenta / para sempre viverá / e com ele glorioso / um dia o Pai encontrará.


5. Também todos nós queremos / pela vida anunciar / que o Cristo está presente / e traz-nos hoje a salvação.

20 AÇÃO DE GRAÇAS

 S. Velai com solicitude, ó Bom Pastor, sobre o vosso rebanho e concedei que vivam nos prados do vosso Reino as ovelhas que remistes pelo sangue do vosso Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo. **P. Amém**

RITO FINAL

21 MENSAGEM PARA A VIDA

 C. A leitura diz que os apóstolos Paulo e Barnabé falavam à comunidade de Antioquia, a fim de persuadir o povo a ficar na graça de Deus. Você liga o rádio de manhã cedo e o que mais tem é programa religioso, procurando persuadir você a ficar na graça de Deus, como a igreja do programa entende. Como Deus a gente não vê e Ele é infinitamente grande e misterioso, há o risco de a gente abordá-lo através da nossa fantasia religiosa. A fantasia é caminho ruim para Deus, haja vista as contradições inúmeras e constantes de toda espécie de igreja, falando em nome dele. A necessidade de garantir-se também não é bom caminho, porque então a gente, sem notar, pode estar buscando a si mesmo. A necessidade de se compensar da dureza da vida também não é bom caminho, porque então estamos fazendo de Deus e da religião um ópio e uma fuga dos problemas. A fim de fugir aos riscos da fantasia, do egoísmo e da alienação, a fé cristã tem de estar plantada na comunidade, pois é de lá que a fé tira força, é lá que a fé soma força com a força dos irmãos, é lá que a fé encontra os problemas a resolver e o mundo a transformar. Se a fé nos leva a Deus, o mesmo Deus nos manda de volta para a vida da comunidade. "Fora da igreja não há salvação" pode-se entender, com muita riqueza, que fora da comunidade não há libertação.

22 CANTO FINAL

1. Pela alegria que reina em toda parte / na natureza tão cheia de esplendor / no ar festivo, nas cores vivas / eu sinto a tua e minha Páscoa, ó Senhor.

A Páscoa não é só hoje / a Páscoa é todo dia / se eu levar o Cristo em minha vida / tudo será um eterno aleluia.

2. Toda beleza, promessa ou esperança / todo esforço, trabalho e amor / tudo é Páscoa, tudo é vida / porque neste dia o Senhor ressuscitou.

23 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso Pai e Filho e Espírito Santo. **P. Amém.**

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe. **P. Amém.**

IMAGEM-BURGUESIA

1. Trintanos, salário apenas mais que mínimo, biscateiro aos sábados e domingos, topando qualquer parada, certo? Pernambucano de Poções lá na serra, Zuza gosta de três pratos de verdura ou legume em cada refeição. Três ou quatro. Não dispensa. Mesmo que seja um pouquinho de cada um, tem de ser três ou quatro, junto com o feijão, o arroz e um pedacinho de carne. Com teu salário apenas mais que mínimo, Zuza? Zuza não responde nem sabe responder. Tem alegria de ver — mais de ver que de comer legume vário.

2. Maroca, a mulher de Zuza, acostumou-se às coisas do seu Zuza, cara legal sabe? O que é que tem, meu Deus, que Zuza goste de comer três ou quatro tipos de legume? O que é que tem? E tem mais: Zuza não come pão dormido. Pão que sobra de ontem, vai pra lata de lixo. Zuza não gosta de quiabo nem jiló. Nem de galinha. Adora filé, sabe, ele comeu uma vez um troço complicado de nome estrangeiro, sabe, ah! Nem me alembro do nome, e adorou, só vive me pedindo pra eu fazer.

3. Zuza nunca ouviu falar de burguesia, nem alta, nem média, nem baixa. Nunca se interessou pela sorte do trabalhador. Não discute salário mínimo ou menos que mínimo. Não sabe o que se passa na casa do vizinho. Nas horas livres da noitinha, se gruda na TV e se derrete com os impactos da sociedade de consumo, pula, dança, canta, ri com todos os carnavais, voa com todos os boeing e todos os mavericks, deposita altos capitais imaginários em todos os bancos. E tudo o mais do grande equívoco, né, Zuza? (A. H.).

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: At 11,1-18; Jo 10,1-10 /
Terça-feira: 1Cor 15,1-8; Jo 14,6-14 /
Quarta-feira: At 12,24-13,5a; Jo 13,44-50 /
Quinta-feira: At 13,13-25; Jo 13,16-20 /
Sexta-feira: At 13,26-33; Jo 14,1-6 /
Sábado: At 13,44-52; Jo 14,7-14.

VOCAÇÕES DE IGREJA

Vocações diminuem — crise do mundo e da Igreja — princípio de fermentação — não devemos estranhar — lições da História — o algo mais da Fé — vantagens da crise

A Folha: No mundo inteiro, não apenas no Brasil, se nota uma diminuição sensível do número de padres e, o que é mais grave, são poucos os jovens que escolhem a vocação sacerdotal e a vocação religiosa. A crise do mundo moderno penetrou também na Igreja. O sr. vê perspectivas de melhora neste ponto?

Dom Adriano: Acho perfeitamente normal que a crise do mundo moderno atinja também a Igreja, nos seus membros, nos seus servidores, na suas estruturas. Por que normal? Porque a Igreja faz parte da humanidade, como Igreja encarnada, concreta que é e deve sempre ser. A Igreja perfeita, acabada, isenta de apostasias, de crises, de sofrimentos é uma realidade final: acontecerá apenas quando acontecer a segunda vinda de Jesus Cristo.

Neste meio tempo a sorte da Igreja será a sorte da humanidade. Mas ao mesmo tempo haverá sempre na Igreja um princípio de fermentação, uma categoria superior — a categoria da fé — que a coloca no meio da crise e da problemática do mundo como um sinal vivo de esperança.

Eis por que a crise de vocação que caracteriza a Igreja do nosso tempo não nos deve chocar demasiado. Deve sim incentivar-nos a uma revisão profunda de nosso comportamento, de nossas instituições, de nossas estruturas. Mas não nos deve levar ao desânimo e ao pessimismo.

A Igreja é sempre sinal de esperança. Pertence à sua própria essência apontar caminhos e metas. Ela tem a promessa infalível de Jesus Cristo: "Eu estarei com vocês até o fim dos tempos" (cf. Mt 28,20). Jesus Cristo veio ao mundo

para ficar. E a Igreja está no mundo como instituição definitiva.

Isto é o que ensina também a história da Igreja. Em todos os tempos de crise — e aqui podemos pensar por ex. na Renascença, no século XVIII, na Revolução Francesa, no Liberalismo anticlerical do século passado — em todos os períodos críticos a Igreja sempre soube achar na sua própria natureza, na sua fé, na sua missão a força, a luz, os caminhos de renovação. Hoje vale o mesmo.

Outro aspecto importante é o seguinte: as estruturas da Igreja, por mais humanas que sejam e por mais parecidas que sejam com as estruturas de outras instituições, têm algo mais, qualquer coisa de diferente e de essencial que a distingue de tudo o mais: é o que nós chamamos a categoria da fé. Uma empresa se organiza, contrata pessoal competente, e de acordo com os planos obtém necessariamente resultados positivos. Na Igreja o processo é muito diferente. Predominam as surpresas e os paradoxos. Quando tudo parece funcionar a contento, há uma bomba que explode. Tudo parece perdido, e lá surge inesperadamente valores evangélicos de primeira ordem. É curioso observar que todas as congregações e ordens religiosas surgiram em tempo de crise, como resposta imprevista da fé a uma situação de impasse.

Mas não apenas ordens e congregações: as grandes iniciativas da Igreja aconteceram em momentos de crise. Basta pensar no último Concílio Ecumênico. Tudo desaconselhava a realização do Concílio. Na própria cúpula da Igreja os votos foram contrários. Venceu a fé de João XXIII. O Concílio realizou-se. E com o Concílio a resposta da Igreja à crise do mundo moderno.

Esta Igreja, que é a Igreja de Jesus Cristo, precisa de padres, precisa de religiosos. Porque ela precisa, não faltarão padres e religiosos em número suficiente.

LITURGIA E VIDA

AS PROCISSÕES DA MISSA

Muita gente não sabe, muita gente sabe e não faz. O que é que muita gente não sabe? o que é que muita gente sabe mas não faz? Na Santa Missa há três procissões. Você sabia disto?

A primeira é a procissão de entrada. Em outros tempos todo o povo de Deus fazia essa procissão de entrada, o povo com os seus sacerdotes se juntava num lugar e daí saíam juntos para a igreja do sacrifício.

Onde for possível se deverá conservar alguma coisa desta primeira procissão que simboliza a marcha do povo para o céu. Ao menos os celebrantes com os outros ministros do altar, — comentar, leitores, coroinhas, cantores etc. — poderiam sair juntos da sacristia e por um caminho mais longo sob o canto de entrada aproximar-se do altar.

A segunda procissão é a procissão das ofertas, logo depois da oração dos fiéis, introduzindo a oração eucarística. Algumas pessoas abririam a procissão, le-

vando os instrumentos e a matéria do sacrifício — cálice e patena, cibório com as hóstias que vão ser consagradas, pão e vinho. Atrás iriam todos os fiéis para depositar os seus donativos em dinheiro ou gêneros alimentícios. Esta procissão é muito importante como educação para participar. Todos os fiéis presentes deveriam fazê-la. O celebrante deveria aguardar o fim da procissão para fazer com a comunidade a oração das ofertas. A terceira é a procissão da comunhão, para aqueles que estão devidamente preparados a receber o corpo do Senhor. Oxalá fosse toda a comunidade, uma vez que é da Eucaristia, desta união íntima com Jesus Cristo, que tiramos a nossa força para uma vida verdadeiramente cristã.

As três procissões deveriam ser um sinal da nossa participação e um símbolo da Igreja que marcha em procissão para o encontro com o seu Esposo.